

MISERIA

Miseria

Dolores Reyes



MOINHOS

Acredito na prática e na filosofia do que convencionamos chamar de magia, no que devo chamar de evocação de espíritos, embora eu não saiba o que eles são; acredito no poder de criar ilusões mágicas, nas visões da verdade nas profundezas da mente quando os olhos estão fechados.

E também acredito que as fronteiras da mente estão em constante mudança e que muitas mentes podem se fundir em uma, seria possível dizer, e criar ou revelar uma única mente, uma única energia... e que nossas recordações fazem parte de uma grande memória, a memória da própria Natureza.

W. B. Yeats

Quando o perigo cresce, também cresce o que salva.

F. Hölderlin

PRIMEIRA PARTE

Cometerra, aqui desaparece gente o tempo todo, aqui seu dom vale ouro. Não sei quantas vezes repeti isso. Não consigo ficar calada. Mas ela finge que não me ouve, se levanta e vai para o banheiro sem responder. Eu também me levanto, vou até a janela, abro a cortina e fico olhando para a rua. Não consigo me acostumar com os cartazes. Um atrás do outro, lutando pelos poucos pedaços de céu livre. Este não é apenas o shopping do subúrbio, estamos na capital nacional das videntes, mas nenhuma dessas charlatãs chega aos pés da Cometerra. Ela pode realmente ver. Escuto a descarga do vaso sanitário, a água escorrendo pela pia e, em seguida, o botão que apaga a luz. Quando a Cometerra sai e vem até mim, não consigo ficar de boca fechada e volto a dizer: Aqui você podia ser uma rainha, aqui seu dom vale ouro. Ela nem olha para mim. Continua se esquivando dos meus olhos e da minha língua. Vai pegar seu colchão, ajeita-o no chão, arruma o travesseiro e os lençóis e se deita para ver se consegue dormir. Nada é tão difícil para a Cometerra quanto seus sonhos.

Vou até ela, me agacho, lhe dou um beijo e aproveito para abraçá-la por um tempo. Ela pega minhas mãos, pressionando-as contra seu corpo. Brincamos uma com a outra e ela me faz cócegas. Eu me esforço para não estourar de rir. A Cometerra não quer que nos separemos até que ela adormeça. Tento tirar uma mão, puxo-a até que consigo, e depois a enfio por baixo da camiseta dela. Passo lentamente minhas unhas pelas suas costas até que ela fique quieta, feche os olhos e não os abra mais. Escuto sua respiração cada vez mais lenta e espero. Quando ela relaxa os braços, consigo me levantar. Procuro sem

fazer barulho meu celular em cima da mesa, olho a hora e uso a lanterna para ir até o quarto e chegar à cama. Já passou da meia-noite e o Walter está dormindo faz algum tempo. Deito-me ao lado dele, perto o suficiente para que seu calor me aqueça. Já é noite e tudo ficou em silêncio. Antes de fechar os olhos, apoio as duas mãos na barriga. Se há uma coisa que a gente tem de sobra é tempo. Tenho dezesseis anos e meu filho nem nasceu. Podemos esperar pela Cometera por todo o tempo do mundo.

Fui eu que escolhi, porque ir embora foi a única coisa que pude escolher em toda a minha vida.

Escolhi este lugar, o barulho, o movimento, as cores, mas também voltar ao perigo. Não sei o que havia mais: carros, trens ou pessoas. Walter, Miseria e eu descemos perto do terminal. Estávamos muito emocionados e com um pouco de medo, andamos tentando não esbarrar em ninguém. Embora estivesse começando a escurecer, não tínhamos olhos para ver lojas, comidas, barracas, roupas, cartazes, mas acima de tudo tanta gente junta. Seguimos em frente. Parecia impossível que alguém pudesse viver nesse formigueiro. Chegamos a essa porta, entramos. Havia a mesma luz que nasce agora e se infiltra, durante as primeiras horas da manhã, pela janela da cozinha. Abro a geladeira, vejo garrafas de um litro de cerveja, mas estou procurando algo menor. Abro uma das latinhas. Tomo o primeiro gole, encostada no balcão. Bebo atenta. Não quero que me vejam bebendo tão cedo. Olho para o quarto deles e volto para a cozinha. Nada se distingue por completo, mas nada pode se esconder sem sair de sua escuridão. Ali, naquela mancha escura, está o açucareiro de plástico. Essa sombra é a toalha transformada em uma maçaroca e deste lado, oposto, está a sombra que sou agora. Não tenho medo do escuro, só das pessoas. A luz ilumina o coração delas apenas do lado de fora.

Sinto o gosto da cerveja na boca descendo lentamente pela garganta até chegar ao estômago vazio, ela me percorre por dentro como um abraço gelado, o único da manhã. A qualquer momento, Miseria vai entrar na cozinha e me dizer para sair,

para me animar: Você não sabe, mas aqui você pode ser uma rainha. Aqui, seu dom vale ouro.

Dou risada sozinha e despejo mais cerveja na boca. Para mim, chegar a este lugar foi como ir à Disney. Você quer música? Aqui tem. Quer roupas? Aqui tem. Quer um rango? Aqui tem. Quer ir para a farra? Aqui tem. Quer se perder para quem está te procurando? Aqui você pode se meter em uma viagem tão doida que ninguém nunca mais vai ver nem a ponta do seu cabelo.

A luz lá fora se torna mais poderosa, borrando a escuridão, até que amanhece. Como já sei que Miséria tem que sair, desgrudo meu corpo do balcão. Apoio a lata vazia e a afasto. Abandono a sombra das coisas de todos os dias quando o sol começa a desnudá-las. Saio da cozinha e passamos uma pela outra. Eu lhe digo para pôr a chaleira no fogo e ela faz apenas um gesto com a cabeça. Entro no banheiro. Empurro a porta com o pé, mas ela não fecha totalmente. Abro a torneira, junto água com as duas mãos e as aproximo do rosto. Água fria nos olhos, na boca, no nariz. Eu me olho no espelho para falar comigo mesma:

— Você dormiu? — pergunto, embora já saiba a resposta: algumas horas. Depois sonhei com ela de novo. Nunca tenho onde me esconder da Ana.

Na cozinha, ficou pão de ontem. Miséria o traz quando volta do trabalho porque àquela hora, na estação, vendem por dois pesos. Ouço que ela põe o pão na frigideira que usamos como torradeira. Vai tirá-lo quando seu cheiro começar a invadir o ambiente. Vai passar manteiga, doce de leite ou pôr um pedaço de presunto. Somos isso de novo, crianças que compartilham tudo.

Volto para a cozinha e ela me entrega um prato cheio. Pego uma fatia, mastigo e engulo apressada para dizer:

— Vou te acompanhar até a loja — mas ela faz que não com a cabeça.

— Não te perguntei — digo. — Quero ir com você.

Rimos e depois, de novo, ela dispara:

— Cometera, você não sabe, mas você pode ser uma rainha aqui. Aqui desaparece gente o tempo todo. Aqui, seu dom vale ouro.

Estendo a mão e tapo a boca dela porque não quero mais ouvi-la dizer isso. Dou risada, devagar, e sinto Miseria sorrir também sob a palma da minha mão. Eu a tiro para ver seus dentes minúsculos e me aproximo dela. Dou-lhe um beijo e toco sua barriga.

— Está dormindo?

Miseria dá de ombros:

— Sei lá.

E me solta, irritada porque eu não quero mais comer terra nem por toda a grana do mundo.

— Fique aqui, hoje eu entro mais tarde, tenho que ir até o hospital — diz ela, e sai rápido da cozinha.

Quando ouço a porta fechar, a luz da manhã já invadiu toda a casa, mas a insônia flutua dentro de mim como uma nuvem. Caminho alguns passos até a geladeira para pegar outra cerveja e levá-la para o colchão.

— Como eu era antes?

A professora Ana baixa a cabeça como se quisesse se esconder.

Depois do meu, o dela é o corpo que conheço melhor no mundo.

— Antes de quê? — ela diz, fechando a gola da camisa, como se algum segredo pudesse escapar por sua pele.

Eu não respondo *Ana, mas eu já te vi nua, aberta. O que você quer esconder de mim?* Em vez disso, pergunto:

— Como eu era antes de comer terra?

— Você sempre esteve na terra.

Ela responde, irritada, a primeira coisa que vem à mente. Me passa o mate. Nos sonhos eu não consigo mais beber, mas não quero que ela continue se aborrecendo, então aproximo a bombilha da boca e chupo com força. Passávamos horas naquele mate para voltarmos a estar juntas mais uma noite.

— Mas eu a tocava?

— Você tinha lápis. Eu te dava esses lápis na sala e você não largava deles.

Nós duas ficamos caladas, olhando para a cuia onde a erva começara a ficar velha.

— Você realmente não vai mais comer terra?

— Não consigo nem pensar nisso, Ana.

Estou bem assim.

— Agora preciso saber como eu era antes de comer terra, o Walter tinha menos de dez anos. Não tenho mais ninguém, só você.

Quero olhar em seus olhos procurando uma resposta, mas ela continua me evitando. Abre a boca e começa a falar, como se lhe pesasse muito:

— Você era selvagem. No recreio, tirava os sapatos e voltava pra sala cheia de terra e com os cabelos como se fossem plantas. Eu queria te dar bronca, mas você sorria pra mim e meu coração se derretia. Você nunca copiava nada. Quando se sentava pra desenhar, ficava ali, enfiada na sua folha de papel como se fosse perfurá-la. O sinal tocava e todos saíam correndo e você continuava colada aos lápis como se fossem doces, tão metida naqueles desenhos que eu tinha que te sacudir e falar com você ao mesmo tempo: Aylén, vamos embora?

Eu me vi. Tinha nove anos de novo. Corria atravessando o pátio com os cabelos soltos em mechas grossas como cobras e ia até Florescia, inclinada sobre a pia do banheiro feminino. Sangrava e chamava só a mim.

— Aylén, vamos embora?

Pensei que de tanto sol ela tinha começado a verter sangue pelo nariz e estava tentando não sujar a roupa, mas não. Florescia punha a mão entre as pernas, deixava-a ali por um tempo, apertando, e a tirava para pô-la embaixo da torneira aberta. Tinha se sujado em torno dos punhos brancos do avental com o vermelho mais vivo que eu já tinha visto na vida. Fiquei com medo. Dentro da pia, cada gota levava segundos para se misturar com a água, para se abrir, como uma flor feita de pequenos coágulos se desfolhando para sempre pelo cano da escola.

— Minha barriga está doendo — dizia Florescia, e como eu não sabia o que fazer, acariciava seu cabelo.

— Aylén, vamos embora?

Cravo os olhos na professora Ana.

O que lhe passa para dizer meu nome em voz alta? Não sei por quê, mas isso deve ser perigoso.

Ana vira a cuia do mate, a erva cai no chão de um sonho que está prestes a acabar, mas antes diz:

— Eu sei o nome de todas vocês, o da Miseria também. É melhor você nunca esquecer de vir me ver.

Ai, Miséria. Bebê é igual Santa Rita: ele dá, mas também tira. Era isso que mamãe dizia nas poucas vezes que ficava séria e, como eu fui sua única bebê, sei que ela dizia isso por mim. O que é que ela estava tirando de nós, se não tínhamos quase nada, só as brincadeiras que íamos inventando? Nunca me atrevi a lhe perguntar, mas também fui embora por ter me desentendido com ela, que era a única família que eu tinha. Às vezes sinto tanta falta da minha mãe que dói lá no fundo da alma e agora, quando chega minha vez de abrir o corpo para uma criança sair, penso nela, se sentiu dor, se ela ainda se lembra de mim.

Você é muito magra, olha os ossos do teu quadril, diz a enfermeira do hospital enquanto anda na minha frente e sua bunda mal passa pelo corredorzinho que leva aos consultórios. Espero que isso não demore muito, porque não quero chegar tão tarde ao trabalho. Como não entramos as duas juntas, vou atrás. Ouço como ela se cansa de andar e falar ao mesmo tempo, mas não para. Tento não olhar para ela, mas não consigo ver nada além do seu corpo se movimentando como um terremoto de carne. De vez em quando ela se vira só para acabar comigo: Você é magra demais. Tem certeza de que está se alimentando bem? Minha mãe é tão magra quanto eu e no bairro a chamam de dona Elisa. Ela me teve quando tinha treze anos e, com quase trinta, não sabe que vai ser avó. *Dona Elisa, você vai ser vovó*, eu penso e tento imaginar sua cara quando ouvir a notícia.

Bebê é igual Santa Rita: ele dá, mas também tira.

A enfermeira ofega como se fosse um animal: Vai ser difícil. Conclui, e eu não sei como o pescoço dela, sendo tão gordo, pode girar assim. Ela se curva como uma cobra que acaba de engolir um inseto e seus olhos brilham de pura maldade. Vai ser difícil. Repete, mas não me assusta. Sinto muito que ela esteja transpirando. Levanto a cabeça, afasto os ombros para ver se assim meu corpo fica um pouco maior: sei que vou conseguir.

Bebê é igual Santa Rita: ele dá, mas também tira.

Mãe, você ainda mora no nosso trailer? Mãe, aqui está tudo bem comigo. Tenho água, quarto, geladeira e amigos. A enfermeira pergunta por que eu não vim antes. Suspiro e não digo nada. Fala para eu preparar minha mala. Duas mudas de roupa para mim e outras duas para o bichinho. Camisola, escuto e dou risada; bichinho, como se meu bebê fosse um inseto, e começo a rir de novo. Nunca tive uma camisola e não vou gastar dinheiro com isso. Vou trazer uma camiseta do Walter que fica enorme em mim. Uma que bata na altura do meu joelho e tenha seu cheiro, de modo que seja como levá-lo aqui, comigo, agarrado à pele de nós dois. Minha mãe também não tinha camisolas. Ela me disse que quando voltamos do hospital, só nós duas, estava frio e, como eu não tinha nada para vestir, ela vasculhou o trailer procurando seu agasalho favorito. Pôs a peça no meio do colchão e me deitou devagar para ir me envolvendo por partes, com muito cuidado, pois eu era tão pequena que parecia que ia quebrar, e ela foi me enrolando várias vezes, primeiro com os braços do agasalho e depois com o resto do tecido, até me deixar apertada como uma trouxinha. Dizia que meu nariz continuava gelado, mas que nunca chorei. E assim, enrolada e grudadas, ela e eu ficamos juntas nos primeiros dias. Depois dizia que aos seis anos tinha vontade de me enrolar de novo, mas que não conseguia nem me pegar: eu corria pelo bairro como uma ratazana e não parava de falar: A língua,

Miseria, essa navalha que mora na tua boca, eu não consigo amarrar nem com todos os agasalhos do mundo. Quando eu lhe disse que ia morar com o Walter e a Cometera, fazia anos que ela não repetia o lance da Santa Rita. Eu a vi ficar triste, mas de qualquer forma ela se levantou, me abraçou com muita força, me acompanhou até a saída e me deu sua bênção com um longo beijo na testa: Aonde quer que você vá, eu vou cuidar de você de longe, Miseria.

Uma mulher que eu não conheço diz meu nome e eu me aproximo de cabeça baixa, olhando o piso desgastado no chão do hospital. A última vez que vim ao médico, acho que tinha doze anos.

Bebê é igual Santa Rita: ele dá, mas também tira.

Entro no consultório vendo meus pés avançarem embaixo dessa barriga que não para de crescer e meu coração dispara. A médica fecha a porta atrás de mim. Espero que um dia eu veja minha mãe de novo.